

Tranquilidade aparente

Da Redação

A intenção deles é ficar. Apesar da liminar que garante o direito de reintegração de posse à empresa proprietária dos prédios invadidos, a Cooperativa Vivendas, os invasores das 800 unidades do Residencial Parque das Flores, em Valparaíso (GO), começaram a botar ordem na casa. A liminar favorável à empresa foi concedida segunda-feira e, na prática, significa que os imóveis poderão ser desocupados a qualquer momento pela polícia.

Os novos moradores não parecem acreditar nessa possibilidade e já conferem os primeiros toques pessoais aos prédios. Em alguns edifícios, as placas de identificação foram arrancadas e o portão de entrada mudado. Os invasores trocaram as portas de vidro por grades e, nos apartamentos, a maioria dos ocupantes substituiu o segredo das fechaduras. Nos estacionamento em frente aos prédios, dezenas de carros comprovam que os invasores não são exatamente sem-teto.

André Luis Martinelli, gerente operacional da Vivenda, não voltou ao Parque das Flores desde o dia da invasão, na última sexta-feira. "Não tenho como avaliar os prejuízos porque não faço idéia de como esses apartamentos invadidos serão entregues", disse.

A liminar de reintegração de posse concedida pelo juiz Romeu Carmo Pereira não mudou os planos dos invasores. Divididos em pequenos grupos, eles capinam o mato, limpam os cor-

Jorge Cardoso



CARROS ESTACIONADOS, DE MANHÃ, EM FRENTE AOS PRÉDIOS INVADIDOS EM VALPARAÍSO: INVASORES DE CLASSE MÉDIA

redores dos blocos e reformam o playground para as crianças.

"É a nossa nova moradia. Temos que cuidar direitinho", acredita Odete Pinheiro, de 34 anos. Ela largou uma casa na Cidade Ocidental, onde pagava R\$ 160 de aluguel por um barraco de dois quartos, para ocupar um apartamento de dois quartos, cozinha e banheiro.

O presidente da cooperativa que reúne os invasores, Edival dos Santos, promete tentar cas-

sar a liminar de reintegração de posse. Segundo ele, a assessoria jurídica da cooperativa vai alegar que é uma ocupação pacífica e, por isso, a retirada dos invasores não seria necessária. "Queremos pagar pelo imóvel. Não queremos morar de graça. Acreditamos que é um pecado deixar 800 apartamentos vazios", diz ele.

Enquanto a pendenga jurídica não é resolvida, os novos moradores vivem o clima de mu-

dança. Tanto que a procura por vagas na Escola Municipal Cidade de Jardins, situada dentro do residencial invadido, aumentou nos últimos três dias. Até o final da semana passada, em média, três pais procuravam a secretaria do colégio. Desde segunda-feira, o número de pedidos para novas matrículas é três vezes maior.

E todos recebem a mesma informação. Não existem vagas. O motivo: superlotação. Com ca-

pacidade para 850 alunos, o colégio possui 1.200 crianças matriculadas da pré-escola à 8ª série. "Para atender todo mundo precisamos criar o turno intermediário. A procura é grande, mas infelizmente não temos como atender", explica o secretário Renato Santos.

A saída é manter as crianças matriculadas na escola de origem. Caso do estudante da 6ª série do ensino fundamental John Franklin de Moraes Fiúza, 12 anos. Desde a mudança para o Residencial Parque das Flores, ele precisa acordar 30 minutos mais cedo para pegar uma condução até o Colégio Municipal Valparaíso IB, no Jardim Oriente. "É muito ruim acordar às 6h. O consolo é que não deixo de

encontrar meus amigos", diz.

A mudança na rotina de John Franklin deve ser creditada ao pai dele. O vendedor ambulante Francisco José Fiúza, de 42 anos, preferiu invadir um apartamento de dois quartos no edifício Flor de Lis — um dos poucos com a placa de identificação — a continuar pagando R\$ 200 de aluguel por uma casa de dois quartos. "O jeito é alterar o convívio, a maneira de viver. É o sonho da casa própria", justifica.